

Se o sr. Mario Torres, que principia agora a sua carreira crística quizer, põe de parte esse preciosismo que o prejudica, mete-se a ver boa pintura e a estudar um pouco as correntes modernas que dominam o mundo e é possível que depois venha a fazer obra de geito.

Assim o esperamos.

As aguarelas «assombrosas» do sr Ramirez Bonno

Cartazes espalhafatosos — por sinal mal feitos — anunciavam aí pelas paredes, aos quatro ventos, que iria ser inaugurada no salão Bobone — o eterno Bobone — uma exposição de aguarela que decerto deixaria *todo el mundo* assombrado.

Dizia-nos também o cartaz que o artista maravilhoso, o homem que *todo el mundo* assombraria com a sua arte se chamava J. Ramirez Bonno.

Ha nomes que parece só poderem pertencer a grandes homens. E o nome J. Ramirez Bonno afigurou-se-nos que pertencia a um grande pintor.

Durante muitos dias as palavras Ramirez Bonno ecoavam-nos nos ouvidos. E á força de repeti-las mentalmente elas quasi se tornaram numa obsessão absorvente.

De quando em quando, sem que no caso nossa vontade interviesse, elas aí nos apareciam — as teimosas palavras — a bailar escandalosamente na nossa memoria. Ramirez Bonno na Bobone ! Era um *fot-trot* escandaloso a que os nossos sentidos não podiam pôr cobro.

Neste estado de espirito tivemos de nos convencer de que Ramirez Bonno havia de ser inevitavelmente um grande pintor.

Depois... lá estavam os cartazes — bem desastrosos, por sinal — a dizer-nos que não atirariam para a publicidade esse nome insinuante se ele não representasse de facto uma incomparavel figura de artista.

Fomos contando anciosamente os dias que faltavam para a abertura da exposição como os colegiais contam o tempo vagaroso, dum irritante ripanso, que é preciso suportar até que cheguem as férias grandes. Desejavamos a ve-

loz fuga dos dias, como um sobrinho que está para receber uma grande herança, deseja a morte de seu *rico* tio.

E o dia finalmente chegou. O grande dia, um admirável dia de Maio, com a alegria do sol fulgurante a animar as ruas. A caminho da Bobone, subindo o Chiado, pareceu-nos que em todos os rostos, nos mínimos reflexos solares havia uma voz — uma voz cantante, plena dum contentamento avassalador, que nos dizia:

— E' hoje! E' hoje que abre a exposição de aguarelas de Ramirez Bonno!

A um amigo que encontrámos em frente da *Marques* preguntámos anciosos, antes de nos informarmos da sua saúde:

— Então já lá foste?

— Onde?

— À grande exposição de aguarelas de Ramirez Bonno? Não, o nosso amigo ainda não tinha ido.

Seguimos apressados, Chiado acima; numa fuga atravessámos a rua Serpa Pinto. Estavamos á porta da Bobone — da boa e complacente Bobone, asilo de todos os artistas e de todas as asneiras. Lá estava — notámo-lo ao subir os primeiros degraus — o grande cartaz a chamar-nos, a dizer-nos:

— Avia-te, entra, corre, vê essa maravilha, vê as assombrosas aguarelas de Ramirez Bonno!

E empurrámos num impeto a porta envidraçada.

Encontrávamo-nos ofegantes em plena exposição. Finalmente iamós admirar a arte do sr. Bonno.

Mas o sr. Bonno... Bonno não: Mau!

Sim, caros leitores, não são boas as aguarelas do sr. Bonno.

Estão muitos furos abaixo dos nossos peores aguarelistas. Sentimos uma tristeza infinda quando os nossos olhos — que vinham tão cheinhos, a transbordar de alegria confiante — deram com uns palmos de cartão onde a Natureza surgia falsificada, a despeito da mania da exatidão que neles se pressentia.

São aguarelas dum colegial — piores porque, plenas de pretenção, perderam a infantilidade que lhes daria graça. O sr. Ramirez Bonno que mandou fazer cartazes, que fez

imprimir um catalogo caro, com reproduções pouco nítidas de seus quadros e letras de ouro na capa verde, é um pintor menos do que vulgar.

Em presença duma mulher de capa de borracha que surge não se sabe porquê; dos modelos que se vêem ter sido postos em *pose* especial para o pintor os reproduzir no cartão; dumas nuvens de papelão branco que ameaçam desabar sobre uns camponeses, perguntámos a nós próprios porque motivo o sr. Ramirez Bonno fez tanto reclame, tão caros catalogos e tão grandes cartazes — maus?

O sr. Bonno lembra-nos uma pessoa que tivesse praticado uma acção condenavel e andasse a chamar para ela a atenção de todo o mundo.

Mario Domingues.

Os Teatros

“Madalena arrependida”, por Aura Abranches, no Avenida

O receio de que Aura Abranches, actriz dilecta do publico, e incontestavelmente uma das primeiras da scena portugueza, nada acrescentasse, como autora, á sua reputação e á sua gloria, desvaneceu-se perante *Madalena arrependida*, seu primeiro trabalho teatral, que só tem de menos bem achado o titulo. A Madalena da comedia não é a pecadora do Evangelho nem qualquer das que, por semelhança ou extensão, assim se denominam. De seu nome de batismo tal se chama, e arrepende-se de um gesto violento e cruel provocado por uma crise morbida que constitue a unica nota dramatica dos tres actos. *Madalena arrependida* tem como protagonista Maria do Carmo (Aura Abranches), um amor de rapariga buliçosa, desentranhando-se em sentimentos bons, personagem que, sem se confundir com outras de igual padrão creadas pela illustre actriz, como que as sintetisa, sob alguns dos seus aspectos, não nos recordando, todavia, especialmente, nenhu-